

# A VIDA SOCIAL NA BLOGOSFERA

## Experiências de Comunidade nas Densidades das Redes Sócio-técnicas

Prof.<sup>a</sup> Dra. Maria Elisa Máximo (IELUSC/Joinville, SC)

### Notas introdutórias

O presente artigo tem por objetivo colocar em discussão uma parte da etnografia apresentada em minha tese de doutorado<sup>1</sup> e realizada no universo dos blogs; um universo constituído pela emergência e disseminação dessa modalidade de publicação pessoal “on-line” onde o sujeito encena a si mesmo e ao seu cotidiano, dispondo-se constantemente ao outro na potencialidade de ser visto e de interagir. Apesar do desejo sempre enfatizado de se conquistar audiências cada vez mais amplas, a análise mostrou que a vida social no universo dos blogs ocorre nas *densidades* das redes, ali onde as relações se constroem e se mantêm por vínculos de reciprocidade, pela troca diária de visitas, comentários e links. E é no âmbito dessas “blogosferas” locais, onde os sujeitos se constroem na relação com o outro, que os blogs se constituem como uma experiência cotidiana e processual, que se desenvolve num movimento constante entre a harmonia e a desarmonia, entre o conflito e a sociabilidade. É sobre esta experiência, e sobre esse *processo*, que eu pretendo discorrer aqui, partindo de um evento emblemático vivenciado no trabalho de campo: o *Chá entre amigas*.

A título de contextualização da perspectiva teórico-metodológica adotada aqui, é importante dizer que este artigo situa-se na trajetória de pesquisas desenvolvidas no *GrupCiber* (Grupo de Estudos em Antropologia do Ciberespaço/UFSC), centradas na análise da dinâmica social estabelecida em modalidades específicas de “comunicação mediada por computador”. Nestas pesquisas, tem-se procurado identificar as formas sociais que as interações assumem em cada modalidade, buscando compreender como tais formas se articulam na definição de cada espaço, de cada grupo. O trabalho etnográfico tem se mostrado, por sua vez, fundamental para a compreensão da produtividade social do “ciberespaço”. Possibilitando alcançar a dimensão vivencial das interações, a etnografia vem permitindo perceber que a existência social dos espaços criados na “comunicação mediada por computador” está diretamente relacionada aos padrões culturais construídos pelos sujeitos em interação. Com base na abordagem de Clifford Geertz (1989) sobre a cultura, podemos dizer que esses padrões não só *informam* sobre os grupos e os sujeitos, fornecendo *modelos da* cultura, como também os *formam*, fornecendo *modelos para* a cultura. Daí a necessidade de uma abordagem sempre contextual, que busque apreender as especificidades de cada modalidade e grupo, considerando-se que os aspectos relativos à interação num dado contexto social só adquirem significado se analisados no seu próprio registro. Isso não exclui, certamente, a possibilidade de determinados aspectos ou padrões comunicativos relacionados a uma modalidade ou grupo específico serem extensíveis as outras modalidades de CMC e/ou situações de interação face a face.

Nesta perspectiva, o “ciberespaço” vem sendo considerado, em nossas pesquisas, como estando permeado por fronteiras simbólicas, que demarcam segmentos mais ou menos delimitados, definidos em termos de padrões comunicativos cuja constituição implica num processo de constante negociação e não se reduz às possibilidades e limitações colocadas pela modalidade, pela interface tecnológica. Assim, concebemos o “ciberespaço” como uma dimensão constitutiva das sociedades complexas caracterizadas, segundo Gilberto Velho

---

<sup>1</sup> Intitulada *Blogs: o eu encena, o eu em rede. Cotidiano, performance e reciprocidade nas redes sócio-técnicas*, a tese foi desenvolvida sob orientação do Prof. Dr. Theophilos Rifiotis e defendida em dezembro de 2006, no Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da UFSC.

(1994, p. 39), por um intenso processo de interação entre segmentos diferenciados e por grande mobilidade material e simbólica.

Foi com base nesses pressupostos que me lancei no desafio de realizar uma antropologia *no* ciberespaço, voltando-me para os blogs, os blogueiros e suas performances. A proposta central da pesquisa foi a de compreender como os sujeitos se constroem e atuam nesses espaços, colaborando na geração de contextos que se configuram em termos de redes de relações sociais. Nesse sentido, compreende-se que o que se expressa nos blogs não é, necessariamente, da ordem da “intimidade” ou da “vida privada”<sup>2</sup>, mas um cotidiano inventado, teatralizado por meio de jogos performáticos e constantemente negociado de modo a se tornar compartilhável no interior de contextos sociais mais ou menos delimitados.

Nesse sentido, os blogs podem analisados e compreendidos sob dois enfoques: o enfoque nos eventos narrados nos blogs, compreendidos como *expressões das experiências* (BRUNER, 1986), e o enfoque nos eventos produzidos nos blogs, compreendidos como *eventos performáticos* (BAUMAN, 1977), disparados por uma *competência comunicativa* e que se destacam pelo seu caráter contextual, emergente e constitutivo. Por *expressões* entende-se a experiência falada, comunicada, colocada em forma compartilhável, cuja produção envolve uma atividade processual enraizada numa situação social particular. Nos blogs, essas expressões emergem no âmbito de *eventos performáticos* nos quais os blogueiros contam suas experiências ao mesmo tempo em que as transformam na experiência das suas audiências, que são convocadas a participar, comentar e acrescentar novos elementos ao que está sendo contado. Essa “perspectiva performática” permite compreendermos que as falas dos blogueiros – as expressões das suas experiências – tanto emergem de contextos interativos quanto colaboram na construção destes contextos mantendo, assim, o fluxo da vida social.

Sob essa perspectiva, e tomando por base a dinâmica social estabelecida no interior das “blogosferas”, é que passo a refletir sobre as experiências de ordem “comunitária” que emergem no cotidiano da prática do “blogging”, com base num evento singular acompanhado no decorrer da pesquisa. A análise desse evento, dentre outros observados e vivenciados no trabalho de campo, mostrou que no âmbito das *densidades* das redes configuram-se situações em que os blogueiros devem se expressar em relação à quebra ou ruptura de um valor, princípio, tema e código interacional de caráter unificador, colocando em jogo as aspirações de continuidade de grupos e redes locais. Analisadas sob a perspectiva do *drama social* (TURNER, 1981), ou seja, como um *processo* que envolve o estabelecimento, a compensação e a resolução de uma crise, tais situações se destacaram pela intensidade interativa e pela geração de ações performáticas voltadas especialmente para o reconhecimento de um cisma – de um rompimento – e/ou para a reintegração das relações sociais.

### **O Chá entre amigas: solidariedade e reciprocidade entre as “ligeiramente grávidas”**

Compreendida entre agosto de 2003 e maio de 2005, a pesquisa na qual se sustenta este artigo desenvolveu-se, a partir de uma etapa preliminar e exploratória, percorrendo “porções” de redes definidas a partir de alguns blogueiros e de seus “blogrolls”, isto é, das listas de links para blogs “favoritos” cultivadas pelos blogueiros. Supondo que um “blogroll” representa a rede de relações sociais de um blogueiro<sup>3</sup>, a estratégia foi tomar grupos de dois,

<sup>2</sup> Refere-se aqui, especialmente, as abordagens iniciais acerca do universo dos blogs, que tendiam a considerá-lo como um fenômeno de publicização dos “diários íntimos” (CARVALHO, 2001; LEMOS, 2002; SCHITTINE, 2004). Contudo, o posicionamento adotado na análise é que esse entendimento, ao pressupor uma passagem quase direta daquilo que é do domínio da “intimidade” para o domínio público, reduz significativamente a complexidade dos processos implicados nesse fenômeno.

<sup>3</sup> Nos termos de Barnes (1987), concebe-se estas redes de relações sociais dos blogueiros, representadas nos seus “blogrolls”, como construções *egocêntricas* da rede, na medida em que estão sendo definidas a partir daquele blog e daquele “blogroll” especificamente.

três ou mais blogueiros ligados todos entre si e identificar as relações que se estabeleciam entre conjuntos de redes. Assim, concentrando as observações nas *densidades* das redes, passou-se a analisar a dinâmica de construção dessas redes, permanentemente modificadas pelas novas ligações e/ou possíveis desligamentos.

Foi deste modo que identifiquei, por exemplo, uma extensa rede de blogueiras construída em torno do compartilhamento de experiências relacionadas à gravidez e à maternidade. Tratamentos de fertilização, rotinas de exames pré-gestacionais e pré-natais, ciclo menstrual, testes de gravidez, relações sexuais, enfim, tudo o que pudesse estar relacionado a este universo era tema para posts que alimentavam os blogs que compunham essa rede. A circulação por entre esses blogs, a observação de seus “blogrolls” e dos comentários e referências que uma blogueira fazia à outra, permitiu-me constatar que tal rede convergia para um blog coletivo, o *Ligeiramente Grávida*, onde todas podiam postar e comentar<sup>4</sup>. Criado em 2002, o *LG*, como costumava ser chamado, chegou a contar, em 2003, com 124 (cento e vinte e quatro) participantes cadastradas; mulheres com idades que variavam de dezesseis a quarenta e três anos, sendo que mais de 60% encontrava-se na faixa dos vinte aos trinta anos<sup>5</sup>. Nos posts, predominavam as mesmas temáticas que perpassavam os blogs pessoais, sendo que muito posts publicados nestes últimos costumavam ser republicados no blog coletivo.

Entre os blogs pessoais das participantes do *LG*, foi possível perceber a existência de várias pequenas redes, formadas pelos contatos comuns a duas ou mais participantes. No âmbito destas redes, digamos, “privadas”, estabeleciam-se laços mais estreitos, mantidos em torno de particularidades como o desejo de engravidar, experiências com formas de reprodução assistida, vivências coincidentes relacionadas à gestação, bem como à maternidade, etc. Uma ligação mais generalizada entre todas elas se realizava, por sua vez, no blog coletivo. Sendo assim, a publicação ou republicação de um post no *LG* podia ser pensada como uma tentativa de alcance de uma dimensão mais global dessa rede. Nessa dimensão, todas as blogueiras pareciam se unir por um sentimento de pertença a uma “comunidade”, a “comunidade *LG*”, que se constituía como uma espécie de grupo de ajuda mútua em torno dos dilemas e expectativas relacionadas à gravidez e à maternidade.

E foi nessa dimensão da rede, de onde emergia tal sentimento de pertencimento, que se configurou um evento emblemático a partir de um episódio que levou as participantes do *LG* a se expressarem acerca de certos valores, princípios e códigos interativos constitutivos desta “comunidade” da qual se sentiam membros. Tal evento – batizado de *Chá entre amigas* – foi motivado por uma crise instalada no *LG*: o crescimento da “comunidade” parecia abrir espaço para o não reconhecimento de alguns princípios e valores constitutivos do grupo. Foi o que aconteceu em torno do caso de Vânia, que no início de 2004, mãe de 3 filhos e grávida de trigêmeos, tornou-se participante do *LG*. A gravidez de Vânia tinha uma motivação especial, devidamente explicitada no *LG* e em seu blog pessoal: um de seus filhos possuía uma deficiência medular que afetava seriamente seu sistema imunológico e só poderia ser revertido através de um transplante. Diante disso, e considerando o fato de suas duas outras filhas serem ‘adotivas’, Vânia decidiu realizar uma *fertilização in vitro (fiv)*, visando ter filhos que pudessem ser doadores de medula para o irmão. As condições financeiras de Vânia agravavam sua situação, pois, naquela época, ela e o marido encontravam-se desempregados.

---

<sup>4</sup> Um blog coletivo é um blog em que mais de um autor está autorizado a inserir posts, através de um código de acesso à ferramenta de publicação utilizada para sua atualização e administração. Todas as ferramentas de publicação de blogs permitem o cadastro de mais de um autor para cada blog. No caso dos blogs coletivos, é comum eleger-se um único administrador que terá acesso exclusivo às configurações do blog, podendo adicionar e excluir autores, sendo que aos demais é liberada somente a possibilidade de postar.

<sup>5</sup> Dados elaborados a partir do “perfil” de cada participante, disponibilizado numa sessão à parte no blog coletivo e construído a partir das fichas cadastrais por elas preenchidas ao se cadastrarem no grupo.

No *LG* ela partilhava sua história e encontrava apoio: conselhos, promessas de oração e de ajuda material. Essa última vinha principalmente daquelas participantes que já tinham seus filhos e que doavam itens de enxoval para os bebês que estavam por nascer.

Sempre que conseguia um acesso à Internet, Vânia vinha ao blog dar notícias da gravidez e da família, além de agradecer o apoio recebido no *LG*. No entanto, esta sua atitude acabou sendo interpretada como um pedido explícito de ajuda: um leitor ou leitora do *LG* enviou-lhe anonimamente um e-mail, questionando-a por ter realizado a *fi*v mesmo em condições financeiras desfavoráveis e criticando-a por estar supostamente pedindo ajuda. Ao reverberar no *LG*, essa crítica foi rechaçada e revertida em favor de Vânia, mobilizando a “comunidade” no sentido de ajudá-la. A iniciativa partiu de Lila, participante do *LG* desde o ano de sua fundação. Foi ela quem tornou público o ocorrido, repudiou a crítica e chamou as demais participantes a se engajarem num “chá de bebê virtual” para Vânia. A idéia era, basicamente, a de arrecadar doações que fossem entregues à Vânia no “encontro do *LG*”, um encontro face a face que já estava programado para acontecer no final de fevereiro de 2004. A seguir, alguns trechos do post de Lila que serviu como ponto de partida para o surgimento do *Chá entre amigas*.

DESABAFO

Olá todas!

(...)

Não queria entrar no mérito da questão, mas não tem jeito: existe uma das amigas do *LG* que está passando por diversas dificuldades, e na realidade não pediu “ajuda” especificamente aqui, e apesar disso se sentiu mal interpretada ao receber um email ( sem identificação, claro, afinal, esse tipo de atitude sempre vem de pessoas que não têm coragem de assumir o que fazem ), questionando a sua gravidez, a sua condição financeira, enfim. Sim, é a Vânia.

Gente, quem somos nós para julgar, analisar ou criticar a situação de qualquer um? Se hoje o seu marido está empregado, você está empregada, tem a sua mãe pra te ajudar, tem boa relação com a sogra, tem uma casa pra morar, QUEM te garante que terá tudo isso amanhã?? Também vou tentar não julgar a pessoa que enviou o e-mail, talvez essa pessoa tenha os seus motivos para fazer o que fez, mas o que quero levantar é: que diferença faz COMO a pessoa, seja quem for, (pode ser uma vizinha, uma pessoa qualquer) chegou à uma situação em que precise da ajuda de estranhos? **O que importa é o FATO: se a pessoa está precisando ajuda e você pode ou quer ajudar: ótimo! Ajude. Se não pode, ou não sente vontade de ajudar, simplesmente não o faça!**

Além de todos os problemas de saúde, financeiros, com os filhos já grandinhos e os que estão para nascer, ela ainda tem que passar por isso? Não acho justo. Ela me ligou e pediu só pra eu postar aqui que não está pedindo nada além de orações (aliás, chequem o post dela mais abaixo, eu também chequei ). Ela disse que teve uma oportunidade de acesso à net e veio nos contar como está. Não é isso que amigas fazem? Se importam? Querem saber uma da outra? E ela disse também, que deixou o endereço para que se alguém quisesse entrar em contato, que escrevesse, porque ela não tem mais telefone, foi isso. **Ela está precisando de ajuda sim, isso fica, isso fica claro no post, e eu posso até estar enganada mas sinceramente acredito que não foi para pedir ajuda que ela veio postar. Talvez isso tenha se perdido, como agora tem muita gente, os laços talvez não sejam mais tão fortes... não sei. Só sei que isso não está certo.**

Bom, agora, mesmo sem consultar a Vânia ( pois acho que depois disso tudo ela não aprovaria ) **eu decidi organizar um chá de bebê virtual para eles, se alguém QUISER e PUDER participar, entre em contato comigo.** Não vou falar nada, simplesmente vou fazer o que puder e levar pra ela. Junto com as amigas que vão ao encontro, tenho certeza de que vamos conseguir bastante coisinhas para ajudá-la.

Um beijo triste, Lila

---

Lila, *Ligeiramente Grávida*, 11/02/2004 (grifos meus).

Primeiramente, deve-se ressaltar que este post guarda aspectos fundamentais de um padrão comunicativo e de um *modo de fala* que delineiam a ênfase comunitária da dinâmica interativa estabelecida no *LG*. Da saudação inicial ao apelo final contido no post, é o grupo que está no alvo da situação comunicativa; o que está em jogo é a sua manutenção. O *LG* se constituía, até então, como o espaço por excelência para a realização de uma comunidade fundada na reciprocidade, na ajuda mútua. A iniciativa de Lila remete, então, para uma tentativa de resgate desta lógica fundadora, colocada em risco na medida em que o *LG*

expandia suas fronteiras, aumentando a visibilidade e, conseqüentemente, o número de participantes. Para tanto, ela própria se colocou na posição de ‘fundadora’, como alguém que nos seus “quase dois anos de Ligeiramente Grávida” conquistou “amizades preciosas”, acompanhou e vivenciou “muitas histórias” e experimentou os dissabores do crescimento da “comunidade”<sup>6</sup>. Uma posição que parecia lhe conferir legitimidade e autoridade para enfatizar a necessidade de se ajudar gratuitamente a “amiga” em dificuldades.

Foi desta posição que Lila, apoiada por algumas participantes que lançaram sugestões à sua proposta inicial, deu início à organização do “chá de bebê para a Vânia”. Para que a possibilidade de participação se estendesse àquelas que não pudessem estar presentes no “encontro do LG”, Lila sugeriu que fossem feitas doações em dinheiro, através de depósitos bancários, para a compra de itens de enxoval para os trigêmeos. Paralelamente, manteve-se a proposta de doações de alimentos, roupas e utensílios novos e/ou usados. Apostando no sucesso de sua campanha, Lila se colocou a disposição para apanhar as doações nas proximidades da sua casa, centralizar o recebimento dos depósitos, realizar as compras, levar o que seria comprado e arrecadado até a cidade onde Vânia morava com sua família e, ao final, prestar contas a todas as participantes. Deste modo, as doações em dinheiro foram condicionadas ao fornecimento de um nome, para constar na lista de doadores, e de um endereço, para posterior envio de notas fiscais que certificassem os gastos realizados.

Desenhou-se, assim, um evento onde os princípios de reciprocidade julgados perdidos no processo de expansão do *LG*, emergiam na direção da reconstituição e fortalecimento dos laços constitutivos da “comunidade *LG*”. Ou seja, tratava-se de uma iniciativa que deveria ser centralizada por poucos, independentemente da intenção de mobilizar o maior número possível de doações. Com o intuito de reunir apenas aquelas dispostas a ajudar – de preferência, aquelas já reconhecidas como membros da “comunidade *LG*” –, Lila criou então o blog *Chá entre amigas*, inaugurado com uma espécie de reconstituição histórica que recuperou do *LG* a seqüência de posts que originou o evento: o post de Vânia (aquele que foi alvo da crítica), o “desabafo” de Lila e o detalhamento da proposta do “chá de bebê”.

O *Chá entre amigas* se constituiu, assim, numa ação pública e coletiva, que se realizou em diferentes instâncias e temporalidades, articulando posts e comentários, e-mails privados e telefonemas, envio de correspondências, transações bancárias e encontros face a face na construção de uma rede de solidariedade. O blog, por sua vez, configurou-se como uma central, um ponto de chegada e de partida para as agentes e um espaço de apelo constante a novas adesões e doações. A idéia era que cada participante mobilizasse seu círculo de relações mais próximas na doação de quantias em dinheiro, utensílios e alimentos. Ao mesmo tempo, o blog servia à publicação de notícias sobre Vânia, sua família e os bebês que estavam para nascer. Tais notícias chegavam por e-mail e/ou por telefone e eram trazidas para o blog por Lila e pelas demais participantes que se engajaram na organização e na atualização do *Chá entre amigas*.

As primeiras adesões se apresentaram no mesmo dia da criação do blog, o *Chá*, e em menos de uma semana já estavam listadas mais de quarenta pessoas que se declararam dispostas a fazer e arrecadar doações. Essa lista foi integrada ao blog, à margem esquerda do espaço destinado aos posts, de modo que pudesse ser constantemente atualizada com o nome e o endereço eletrônico de cada participante e cada doação realizada ou prometida. O blog tornou-se, então, não só uma via de prestação de contas, mas, sobretudo, um espaço de supervisão e controle coletivo da campanha, onde todas podiam estar atentas a tudo: a cada nova adesão, a cada nova doação, aos valores em dinheiro depositados, ao que era arrecadado e comprado.

---

<sup>6</sup> Recupero, aqui, expressões utilizadas pela própria Lila no trecho introdutório do post supracitado.

Nesse momento, aparentemente não se distinguia mais quem vinha ou não do *LG* para o *Chá entre amigas*, afinal, muitas que aderiam à campanha chegavam pelas redes de relações pessoais das participantes. No entanto, a permeabilidade entre os dois espaços se manteve na preservação de uma forma de apresentação em que as “meninas” se associavam aos seus filhos e/ou à condição de gestantes, identificando-se ou sendo identificadas como a “Andréia da Anabella”, a “Rita do Ângelo” ou a “Leila do Lipe (na barriguinha)”. A preservação dessas identidades, construídas **em relação** e como **expressão** da vivência da gravidez e da maternidade, evidencia o fato de que aquelas que se reuniam na realização do *Chá entre amigas* eram as próprias *Ligeiramente Grávidas* agindo na reconstrução da “comunidade *LG*”. Reunindo o que passou a ser chamado de “galera do bem”, o *Chá* promoveu, com intensidade, o compartilhamento das experiências constitutivas da participação no *LG*, resgatadas agora no processo de escolha do que doar, na discussão sobre as possíveis necessidades de Vânia e seus bebês, na priorização dos itens a serem comprados, etc.

Mais de 30 (trinta) pessoas passaram pelo “encontro do *LG*”, ocorrido em 28 de fevereiro de 2004, inclusive Vânia, cuja presença foi bastante comemorada nos relatos publicados no blog. No encontro, Vânia recebeu parte dos presentes que seriam entregues diretamente na sua casa, juntamente com as compras que estavam para ser realizadas com o dinheiro arrecadado na campanha. Assim o *Chá entre amigas* teve continuidade: as doações levadas ao “encontro” foram contabilizadas para que se definisse, então, o que era prioritário comprar.

É através de Lila, num e-mail publicado no *Chá* em 1º de março de 2004, que Vânia agradece todas as doações recebidas durante o “encontro” e aquelas que começavam a chegar em sua casa pelo correio, motivadas pela campanha.

Olá, meninas espero que todas estejam bem, quero agradecer o enorme carinho que estou recebendo desta grande família *LG*, não tenho palavras para descrever o que sinto, peço desculpas por ter chego atrasada no encontro e lamentavelmente não tive o prazer de conhecer e rever minhas irmãs do coração. Já faz quase um ano que participo desta grande família e a energia positiva que recebo vem operando milagres, as novenas, correntes de orações, vibrações positivas muito contribuíram para chegar onde cheguei. Então meninas jamais percam as esperanças, nunca desistam creiam em Deus, pois a hora de cada uma vai chegar.

Agradeço a Deus minha experiência de vida pois aprendi, que tudo tem seu tempo, nada acontece no tempo que queremos tudo acontece no tempo de Deus. Conheci o *LG* divagando na net, e aqui encontrei apoio, amizade carinho de pessoas que realmente sabem o que é o sonho de ser mãe, *VOU CONTAR UM SEGREDO*, aqui neste cantinho minhas irmãs, existem anjinhos mandados por Deus, disfarçadinhos, escondem as asinhas, mas no abraço, no olhar, na palavra amiga estão sempre trazendo as bençãos de Deus, não é Lila?

(...)

Quero agradecer à todas, obrigado pelas fraldas que estão chegando a através do correio, Raquel, Rita Achkar, Vânia sonhadora, Andréa Cipriano seus cadernos chegaram em ótima hora, Jessica, Joyce e Jean Rodrigo agradecem, gente não tenho palavras para agradecer MUITO OBRIGADA à todas, obrigada, que Deus abençoe todas vocês, foi maravilhoso receber o abraço da minha anjinha Lila, a emoção da Li, a euforia da Flavinha e da Rita, a energia positiva de todas vocês, cheguei em casa cansadinha, mas muito feliz, valeu cada passo (de tartaruga) que dei para encontrá-las, pois tenho certeza que comigo veio muita energia e luz divina.

Bom gente vou ficando por aqui né, os meus babys estão chutando.

Beijos e abraços

Vânia & Cia

Lila - 2:14 PM |Deixe um recadinho 4

Vânia (publicado por Lila), *Chá entre amigas*, 01/03/2004.

É possível dizer que o e-mail de Vânia, postado no blog, surge como um primeiro momento culminante para as motivações originais do *Chá entre amigas*. Mais do que gratidão pelos presentes recebidos, ela colocou em cena aquilo que parecia ter se perdido na ocasião da crítica à sua decisão por engravidar novamente: o espírito de amizade e de ajuda mútua que cria o que ela chamou de “família *LG*”, unida acima de tudo pela troca de “apoio”, “carinho”, “energias” e “vibrações positivas”, “orações”.

Deste modo, a experiência engendrada no *Chá entre amigas* remonta, em primeiro lugar, o que há de central no célebre *Ensaio sobre a Dádiva* de Marcel Mauss (1974), obra fundadora da teoria da reciprocidade na Antropologia. Comparando sistemas de troca de bens, riquezas e serviços constitutivos da economia das chamadas “sociedades primitivas”, especialmente da região da Polinésia, Melanésia e do noroeste americano, Mauss buscava concluir sobre a natureza das transações humanas, analisando aquilo que ele considerava serem suas formas mais elementares. Nesse esforço, ele procurou mostrar que as “trocas primitivas” se dão menos como transações econômicas, utilitárias, realizadas no decurso de um mercado entre indivíduos, e mais em forma de prestações e contraprestações, de *dons* (ou *dádivas*) *recíprocos*, feitas voluntária, livre e gratuitamente entre coletividades – clãs, tribos, famílias – que contratam e se obrigam mutuamente “sob pena de guerra pública ou privada”.

Trata-se, antes de tudo, de gentilezas, banquetes, ritos, serviços militares, mulheres, crianças, danças, festas, feiras em que o mercado é apenas um dos momentos e onde a circulação de riquezas constitui apenas um termo de um contrato muito mais geral e muito mais permanente (ibid., p. 45).

A chave para a compreensão desses sistemas estava, portanto, na identificação da regra de *interesse* e de *direito* que faz com que um presente recebido seja obrigatoriamente retribuído. E foi buscando conhecer essa regra que ele descreveu-nos uma forma de troca que extrapola o caráter meramente econômico e se apresenta como um *fato social total*: um fenômeno simultaneamente religioso, mágico e econômico, jurídico, moral e subjetivo, sobre o qual se funda a própria vida social. Concentrando sua análise nos sistemas mais elementares de prestações totais, Mauss destacou um “mecanismo espiritual” que obriga a retribuir-se um presente recebido: o fato de que na coisa dada há sempre algo daquele que a deu. Conseqüentemente, aceitar algo de alguém é aceitar algo de sua essência espiritual, de sua alma, o que impinge a retribuição daquilo que é, na verdade, parte da natureza e substância de quem presenteou (ibid., p. 56).

A perspectiva maussiana inspira uma interpretação para o contexto de obrigações recíprocas, de forte apelo religioso, instalado no *Chá entre amigas*, onde Vânia *se deve* ao grupo para além dos presentes recebidos. E, se de um lado, Vânia agradece cada presença no encontro e cada presente como dádivas que obrigam somente porque carregam consigo o valor das relações sociais que representam; do outro lado, é ele que *se doa* ao grupo, na medida em que se constitui, com sua história e necessidades peculiares, como elemento motivador do resgate dos laços e princípios fundadores do *LG*.

E não menos importante que a obrigação de retribuir, é a de *dar* de um lado e a de *receber* de outro: o *dar* constitui-se num ato espontâneo e gratuito, mesmo que obrigatório, o *receber* é sempre marcado por um interesse obrigatoriamente desinteressado, e o *retribuir* nada mais é do que *dar novamente* ou, simplesmente, *dar*, sem que haja qualquer intenção de equivalência. Eis as tensões constitutivas do sistema de *troca-dádivas*. Tem-se, então, a fórmula da *tripla obrigação* – *dar, receber, retribuir* –, sobre a qual se fundam, segundo Mauss, as economias de trocas primitivas, onde o autor acreditou ter encontrado “uma das rochas humanas sobre as quais estão erigidas nossas sociedades” (ibid., p. 42). Em outras palavras, é postulando um entendimento da vida social como um constante *dar e receber*, onde recusar-se a dar ou deixar de receber é, acima de tudo, recusar a aliança e a comunhão, que o *Ensaio* de Mauss permite-nos pensar a *troca de dádivas* como fundamento de toda sociabilidade e comunhão humana (LANNA, 2000).

Contudo, extrapolando o universo das “trocas primitivas”, que fundamentaram sua teoria, Mauss se limitou a enxergar a *troca-dádiva* como uma tradição que apenas “sobrevive” em meio às instituições ocidentais capitalistas – como o mercado e o Estado –, à qual

poderíamos e deveríamos voltar caso desejássemos reencontrar “o princípio mesmo da vida social moral”: o de *sair de si e dar livre e obrigatoriamente* (MAUSS, 1974, p. 170). Partindo justamente do lugar onde Mauss interrompeu sua análise, às portas da *modernidade*, Jacques Godbout (1999) se esforça na formulação da hipótese de que a dádiva está presente nas sociedades modernas não apenas como uma sobrevivência de sistemas antigos, mas como um sistema singular que coexiste com o mercado e o Estado. E, nesse sentido, é preciso considerar, segundo o autor, as características dos vínculos sociais e sua relação com o que circula, se eles são desejados por si mesmos ou se são apenas um meio para se atingir um fim (ibid., p. 34). Isso porque a presença de outros sistemas de intercâmbio pode modificar a própria dádiva, principalmente sob a influência da liberação das relações sociais introduzida pelo mercado.

A partir de Godbout é possível dizer, portanto, que a dádiva reina nas chamadas sociedades complexas justamente onde há *sociabilidade*: onde a relação instaurada é muito mais importante do que aquilo que a originou e onde o vínculo social é mantido enquanto cada ator acreditar receber mais do que dá e se sentir mais em dívida com o outro do que o contrário. Ao re-situar a *dádiva* no contexto da sociedade ocidental contemporânea, Godbout amplia as possibilidades de interpretarmos o “blogging” e os eventos nele engendrados – a exemplo do *Chá entre amigas* –, à luz da teoria maussiana. Inclusive, ele nos permite pensar a dádiva como algo que circula não somente entre coletividades, mas também entre indivíduos. Recuperando-se, então, as tensões constitutivas da dádiva, o interesse do grupo em ajudar gratuitamente era tão verdadeiro quanto era o interesse desinteressado de Vânia em ser ajudada. Nesse processo em que um se deve constantemente ao outro, o *a mais*, a não-equivalência da *troca-dádiva* também é constantemente gerada.

Conseqüentemente, o *Chá entre amigas* não se esgotou no encontro face a face. Não só porque ainda faltava realizar as compras com o dinheiro arrecadado e entregá-las juntamente com todas as outras doações, mas, sobretudo, porque o evento operou na realização de uma comunidade sustentada para além daquele encontro específico e para além do face a face. Revitalizada pelo encontro, a campanha se intensificou em torno da arrecadação das doações e da realização das compras. A medida que Lila listava, no blog, o que era adquirido, outras participantes opinavam, em e-mails e comentários no blog, sobre o que ainda poderia ser comprado. Enquanto as compras eram decididas e realizadas, Lila mantinha-se em contato com Vânia, atualizando o blog com notícias sobre ela, a gestação, sua família e transmitindo periodicamente seus agradecimentos às doações que chegavam pelo correio ou pessoalmente pelas mãos daqueles que conheciam sua história no blog.

A quantia arrecadada com os depósitos foi gasta na compra de roupas, artigos de cama, banho e higiene, fraldas descartáveis e utensílios específicos para os bebês. Já as doações contemplaram toda a família de Vânia, incluindo roupas e calçados usados, cestas básicas e material escolar. Lila anunciou o fim da sua participação no *Chá entre amigas* reafirmando o compromisso de prestar contas a todas aquelas que contribuíram com dinheiro na campanha, de entregar todo o que foi doado e comprado diretamente à Vânia e de continuar trazendo notícias dos bebês que estavam para nascer.

Na entrega das doações, Lila e Vânia estiveram novamente em contato e, mais uma vez, a primeira veio em nome da segunda agradecer o “carinho” recebido durante a realização do *Chá* e ambas se fizeram devedoras da solidariedade das participantes, dizendo-se surpresas diante da quantidade de doações.

(...)

Ela não imaginava que ganharia tanta coisa e disse que com certeza não vai ter que se preocupar em comprar nada para eles por um bom tempo. E disse também, que depois que as roupinhas não servirem mais para os bebês, ela vai



doar com o mesmo amor com que as recebeu, e pela quantidade de coisas, vai poder ajudar muita gente. Se Deus quiser, né? A vida é assim, hoje você precisa, amanhã você ajuda, e vice-versa...

E que com toda essa provação, sua fé nunca foi abalada, ela tem consciência de que Ele não lhe dá uma cruz que não possa carregar, e com a sua fé e perseverança, consegui tudo o que precisava, que Deus proveu, e está provendo. Assim como nós (palavras dela), estão aparecendo em sua vida outros anjos de Deus para ajudá-la, como vizinhas que vão ajudar a lavar as roupinhas, outros que a levam para o hospital quando precisa, etc. Eu fiquei muito contente em poder ajudar. Acredito que isso tudo nos faz muito bem.

Essas atitudes, sem dúvida alguma são retribuídas por Deus, talvez hoje, talvez daqui alguns anos, quem sabe? O que eu sei, é que Ele se encarrega de abençoar à quem nos faz bem. E eu peço à Ele, que abençoe à cada uma de vocês, infinitas vezes mais, por todo o carinho e empenho em ajudar à nossa amiga Vânia e seus três rapazinhos que estão à caminho, e que segundo o médico: estão três “tourinhos”, super fortes e saudáveis, Graças à Deus. Ah! E ainda não têm nomes definidos, estou super curiosa e perguntei isso hoje à Van, e ela disse que eles ainda estão “em discussão”, hihihi, quando souber, venho lhes contar.

Ótimo final de semana a todas.

Lila - 6:06 PM |Deixe um recadinho 4

Lila, *Chá entre amigas*, 03/04/2004.

Como mais um momento culminante para as motivações originais do *Chá entre amigas*, a expressão de gratidão de Lila e Vânia se acrescentou aos pronunciamentos posteriores ao encontro face a face, com destaque para o apelo religioso que perpassou toda a campanha. A gratuidade que pautou a campanha emerge, aqui, à medida que se eleva a garantia da retribuição de “todo carinho e empenho em ajudar a amiga Vânia” a Deus, suas bênçãos e graças. E a principal graça esperada e desejada pelas participantes do *Chá* era o nascimento dos trigêmeos: estes sim, uma vez nascidos “fortes e com saúde”, retribuiriam o engajamento e as doações. Conseqüentemente, eles se constituíam na motivação central para a continuidade do *Chá*, não mais como campanha, mas como um grupo de amigas ligadas pelo espírito da solidariedade e de mães ou futuras mães unidas pelo compartilhamento do desejo e da experiência da maternidade.

Nesses termos, é significativo que a “comunidade” tenha emergido no evento como “família” que, como coloca Godbout (1999), funda-se substancialmente na criação de um vínculo de dádiva<sup>7</sup>. No resgate da reciprocidade, do valor dos filhos e da maternidade, na direção da renovação dos vínculos constitutivo da “comunidade”, o *Chá entre amigas* acabou transformando aquilo que poderia parecer um conjunto de relações entre estranhos naquilo que é a própria definição do que não é estranho: a família, como o lugar básico para se aprender a *dar sem pedir nada em troca* e onde, portanto, a dádiva circula com intensidade<sup>8</sup>. E numa família, tal como na “família LG”, a gravidez, o nascimento e, acima de tudo, os filhos são as *dádivas por excelência*, são dádivas de vida; aos filhos, somente a eles, se aceita dar tudo sem receber nada em troca. Quanto às doações, estas deveriam continuar circulando, ajudando outras mães em dificuldades e mantendo, assim, a reciprocidade em curso. Para a “família LG” importava, agora, o nascimento e a saúde dos trigêmeos.

Deste modo, tendo sido justamente o *Chá entre amigas* que (re)constituiu esta “família”, ele não poderia se esvanecer com a entrega das doações e compras realizadas com

<sup>7</sup> O autor responde, com essa afirmação, às análises que excluem a dádiva da família em nome da divisão, da partilha, e também, às teorias econômicas neoclássicas que, baseadas em pesquisas sobre o divórcio e a contabilidade familiar, reduzem os diferentes fenômenos de circulação nas redes familiares ao utilitarismo (GODOBOUT, 1999, p. 40).

<sup>8</sup> Segundo Godbout (1999, p. 41), o encontro entre dois estranhos que, transformados num casal, produz o núcleo da família é o “centro incontornável da relação de dádiva”. Essa abordagem remete diretamente a Lévi-Strauss (1982) que, em *As estruturas elementares do parentesco*, define a exogamia não só como base de qualquer modalidade de troca matrimonial, mas, sobretudo, como o “arquétipo de todas as outras manifestações com base na reciprocidade, que fornece a regra fundamental e imutável mantenedora da existência do grupo enquanto grupo” (ibid., p. 522).

o dinheiro arrecadado. As notícias sobre Vânia e sua família continuavam chegando ao blog, mesmo que em menor intensidade, até o momento em que Vânia precisou ser internada, sob o risco de um parto prematuro. Neste momento, Lila veio ao blog para mobilizar as participantes do *Chá* numa corrente de torcidas e orações para que o parto ocorresse com tranquilidade, sem prejuízo à mãe e às crianças. Neste momento, as participantes do *Chá* foram elevadas ao posto de “titias” dos trigêmeos, recuperando-se um código compartilhado entre as “ligeiramente grávidas” que, na iminência de cada nascimento, tratavam-se como “tias” dos recém-nascidos, unidas por um explícito sentimento de fraternidade. Tal sentimento era agora fortalecido com os trigêmeos no centro da re-união das “ligeiramente grávidas” na “família LG”. E foi justamente com esse sentimento que a notícia do nascimento dos bebês foi recebida e partilhada: “Extra! Extra! Extra! Os meninos nasceram! Já somos titias!”, anunciou Lila no *Chá entre amigas* em maio de 2004.

Lila reportou no blog todos os detalhes do pós-parto de Vânia, seu estado de saúde bem como o dos bebês, que passaram alguns dias na Unidade de Terapia Intensiva (UTI) por terem nascido prematuramente. E fez questão de anunciar que foi considerada por Vânia como “dinda” das crianças. No âmbito da “família LG”, fundada essencialmente sobre relações de dádiva, esse laço de compadrio emerge como o supra-sumo de uma relação não utilitária, baseada na reciprocidade e constitutiva não só dos sujeitos nela implicados, mas da própria comunidade. Pois, ao tornarem-se dádivas e serem recebidas pelo padrinho, no caso aqui pela madrinha, as crianças nascem socialmente no seio da comunidade; elas nascem como *peessoas*. É assim que Lanna (1995), em sua análise das relações de troca e patronagem no nordeste brasileiro, define a instituição do compadrio: como um elemento fundamental na vida comunitária, que opera na intensificação das relações sociais e na produção de uma sociabilidade “não-capitalista”. Segundo o autor, “as pessoas se aproximam por meio do laço de compadrio, ao mesmo tempo em que os laços de compadrio aproximam as pessoas” (ibid., p. 198/199). Sob essa perspectiva, o apelo religioso presente em toda a campanha pode ser pensado como estando nas bases do *dever sagrado* que vincula os compadres nas relações mais horizontais de compadrio (ibid., p. 204). E sendo a religião um elemento unificador da “família LG”, essa compreensão pode ser estendida aos demais vínculos criados e fortalecidos no *Chá entre amigas* e significativamente traduzidos em categorias de parentesco.

O estreitamento da relação entre Lila e Vânia, que culminou com a criação do laço de compadrio, aponta, por outro lado, para a heterogeneidade das relações construídas no decorrer do evento. Por trás do blog, construíram-se relações sociais com diferentes graus de intensidade e intimidade, diferenças estas que se expressavam nas constantes referências aos telefonemas, e-mails e reuniões face a face realizadas para a combinação, arrecadação e administração das doações. Em torno de Lila e Vânia criou-se, assim, um conjunto de relações mais próximas que operou na realização do evento para além do blog e que se manteve ativo após o encerramento da campanha e o nascimento dos trigêmeos. Diante disso, o blog passou a ser mais o espaço para a transmissão de notícias de Vânia e seus filhos para o conjunto total de participantes do *Chá*, do que propriamente o espaço para a realização das relações sociais, que ocorria em outras instâncias. A diminuição da frequência das atualizações não significou, nesse sentido, um esfacelamento da “família LG”. Ao contrário, significou uma espécie de divisor de águas no *Chá entre amigas*, onde algumas se liberaram do compromisso com o blog, mostrando que se engajaram exclusivamente na campanha, e outras consolidaram seu compromisso, reafirmando sua pertença à “família LG”. Nesse processo, algumas pessoas se aproximaram, saindo dos bastidores e vindo à cena, aparecendo no blog.

Foi o que aconteceu com Rosana, que conheceu a história de Vânia visitando o blog pessoal de Eliana que, por sua vez, participava do *LG* e esteve engajado no *Chá* levando suas doações ao encontro face a face. Motivada pela campanha, Rosana visitou Vânia, levou-lhe algumas doações e voltou preocupada com as condições em que Vânia vivia com sua família,

principalmente com os trigêmeos que apresentavam problemas de saúde. Imediatamente, Rosana relatou a situação à Eliana, que a repassou para Lila que veio ao blog mobilizar uma nova campanha. A idéia partiu da própria Rosana, que ao contar o que presenciou em sua visita, já sugeriu o que se poderia fazer para ajudar: uma campanha de arrecadação de leite especial para os bebês e para a compra de uma casa para a família. Assim o *Chá entre amigas* foi reativado, mais ou menos nos mesmos moldes da primeira campanha.

Agora foi Rosana quem centralizou, gradativamente, a mobilização, fazendo do blog um espaço de discussão sobre como proceder na arrecadação de leite e dinheiro e para a notificação de cada decisão, nova adesão e doação recebida. Ao mesmo tempo em que as primeiras doações começavam a chegar e ser anunciadas no blog, buscava-se uma alternativa para viabilizar a compra de uma casa para a família, que vivia de aluguel em condições insalubres, sobretudo considerando-se o estado delicado de saúde dos trigêmeos. E veio da própria Vânia a idéia de uma “rifa virtual” cujos prêmios seriam uma aliança e um urso de pelúcia novo – presentes dados a ela pelo marido anos atrás –, e uma cesta de doces feitos por ela mesma em prol da compra da casa. A forma como a rifa aconteceria, desde a venda dos números até o sorteio do prêmio, foi decidida coletivamente no próprio blog e, deste modo, surgiu a *Rifa Solidária*, dando continuidade ao *Chá entre amigas*. Enquanto a *Rifa Solidária* tomava seu curso, outras doações eram feitas para além da compra dos números. Assim, os R\$ 800,00 arrecadados na rifa somaram-se a quase R\$ 3.000 doados durante a campanha e com esta quantia, mais uma doação feita pela família de Vânia, foi possível comprar uma pequena casa na periferia de Campinas.

Ao noticiar a compra da casa no blog, Rosana logo pediu que as participantes ajudassem com a doação de material de construção para que a casa pudesse ser reformada e ficasse em condições de receber a família. E foi a própria Rosana que prestou o primeiro auxílio nesse sentido, motivando outras doações. A casa foi, então, reformada e a mudança da família realizada em janeiro de 2005.

A partir daí, o blog passou às mãos de Vânia, que eventualmente postava dando notícias da família, especialmente dos trigêmeos, e do andamento das reformas. Até que em maio de 2005, pouco mais de um ano após a fundação do *Chá entre amigas*, os bebês completaram seu primeiro ano de vida, data comemorada com a ajuda de Rosana e devidamente narrada no blog. A comemoração do primeiro aniversário dos trigêmeos, justamente no Dia das Mães, rememorou a trajetória e o sucesso do *Chá entre amigas*, celebrando os valores fundadores da “família LG”: os filhos e a maternidade. Mais do que isso, é possível dizer que o episódio reuniu a “família LG” na presença solidária de Rosana que, também como madrinha dos bebês, contribuiu para a realização da festa. Por sua vez, o post trouxe a festa para o blog, possibilitando que as “amigas” do *Chá* festejassem, nos comentários, o cumprimento dos propósitos de todas as campanhas e “correntes de oração”. As felicitações e votos de prosperidade endereçados à Vânia e aos trigêmeos, marcaram, então, um momento conclusivo para o *Chá entre amigas*. Um momento que culminou com um gesto de solidariedade significativo dessa conclusão: Rosana decidiu oferecer à Vânia o custeio de um curso profissionalizante, para que ela se especializasse na atividade que exercia antes do nascimento dos bebês, a de cabeleireira. Depois de dar o peixe, ensinava-se a pescar – foi neste tom que a atitude de Rosana foi reverenciada no blog.

Vânia deixou de ser o centro da ação solidária para ressurgir enquanto blogueira na “família LG”, num processo que dissolveu o *Chá entre amigas* para dar lugar à *Vânia e os trigêmeos*. A rede *Ligeiramente Grávida* perdeu, assim, seu ponto de convergência, aquele criado numa tentativa de resgatar os princípios fundadores da sociabilidade no blog *LG*, colocados em risco com a expansão da participação. E o *LG*? De certo modo, a criação do *Chá entre amigas* antecipou o que estava para acontecer, pois após inúmeros problemas decorrentes do excesso de postagens e comentários, que levaram a sua interdição e posterior

mudança de serviço de hospedagem, o *LG* saiu do ar. No entanto, Vânia continuou contando, numa média de dois ou três posts por mês, sobre sua vida cotidiana, o crescimento dos bebês e dos seus outros filhos, seu curso e seu trabalho. E continuou, também, sendo visitada pelas “amigas” do *Chá*. Dentre elas, a “Rosana do Nuno”, a “Lelê e Tavinho”, a “Rita do Ângelo”, a “Alessandra e Otávio”, a “Cristiane e Rodrigo” e outras “mamães” que vez ou outra se fazem presentes no blog de *Vânia e os trigêmeos*. Ou seja, à medida que o *Chá* se dissolveu e que o grupo aparentemente se dispersou, configurou-se uma rede que se realiza no blog de Vânia: uma nova formação que traz uma porção daquela rede heterogênea que convergia no blog *Ligeiramente Grávida* e contempla as relações mais próximas construídas durante o *Chá entre amigas*, preservando identidades, valores compartilhados e toda a memória do processo que restituiu a “família LG”. Sim, pois o blog de Vânia preservou, além de todos os arquivos de posts, os principais detalhes das campanhas realizadas no *Chá*.

### Considerações Finais

Com base em Velho (1994), pode-se dizer que o *Chá entre amigas* desenvolveu-se num processo complexo de negociação e construção de um contexto social, de uma *provincia de significado*, que colocou em cena tensões e a comunicação entre diferentes planos e esferas da realidade. Mais que isso, o evento assinalou um *potencial de metamorfose* que, segundo Velho (1994, p. 28/29), está implicado na possibilidade permanente de trânsito entre contextos sociais diferentes e planos distintos da realidade socialmente construída cujas fronteiras podem ser tênues, assim como o próprio trânsito pode ser quase imperceptível. Isso porque o *Chá*, da sua erupção à sua transformação, envolveu as participantes em passagens mais ou menos sutis entre domínios e experiências sociais diferenciadas sem que, no entanto, as identidades fossem desvinculadas de um grupo de referência e dos seus âmbitos constitutivos, como a família (em especial os filhos) e a religião.

Tratou-se, portanto, de um evento que possibilitou a reconstrução dos sujeitos envolvidos; os quais emergiram como *pessoas* em dois movimentos complementares, apresentando-se em relação aos seus filhos e colocando-se em relação num contexto marcado pela sociabilidade e solidariedade em torno de valores e experiências específicas. O *Chá* reconstruiu uma “comunidade” apelando à incondicionalidade e à segurança dos vínculos familiares, transformando as “amigas” em irmãs e comadres, e os filhos, por sua vez, no motor da solidariedade e ajuda gratuita, no centro de toda a fé e “boa vontade”. Foram os filhos que estiveram na base da reciprocidade fundadora da “família LG”; foi por eles que as participante se obrigaram mutuamente, reconstruindo um núcleo mais ou menos seguro de relações sociais como um antídoto ao isolamento. Esta é a perspectiva apresentada por Godbout (1999, p. 46), que diz ser o vínculo familiar aquele vínculo de dádiva que mais supõe um limite à liberdade, tão valorizada na modernidade. Enquanto a liberdade traz constantemente o risco do abandono, do isolamento, a família é o lugar da falta de escolha, das obrigações e por isso inspira segurança.

Deve-se considerar, no entanto, que pertencer à “família LG” era paradoxalmente uma questão de escolha. Isto é, ao mesmo tempo em que sugeriam a incondicionalidade e a segurança do vínculo familiar, os laços criados no *Chá entre amigas* encerraram também a liberdade dos vínculos de amizade que podem ser escolhidos, não escolhidos ou facilmente desfeitos. Essa não obrigatoriedade foi assinalada na constante afirmação da gratuidade, da generosidade e do prazer em doar e em se doar ao outro, à amiga, à “irmã de coração”. E se é gratuita, escapa ao cálculo, ao interesse, à lógica utilitária. Isto explica, de certo modo, a preocupação em não transformar as campanhas num “acerto de contas”, valorizando-se a transparência constante, tornando-se pública e agradecendo-se cada doação recebida.

No entanto, as doações anônimas, que inicialmente se pretendeu evitar, acabaram aparecendo e sendo aceitas, mesmo que de forma não preponderante, em depósitos não

identificados ou através de doadores que preferiram não ter seus nomes divulgados. São doações unilaterais, voluntárias, que não contêm a expectativa do retorno, nem da gratidão ou reconhecimento e, sobretudo, que não implicam no vínculo social. Elas assumem a forma de doações de caridade, de beneficência e circulam externamente à lógica do mercado, mas, no caso do *Chá entre amigas*, através do elemento fundador do mercado: o dinheiro. No âmbito da liberdade dos vínculos essa modalidade de doação guarda, ainda segundo Godbout (ibid., p. 78/79), os traços típicos das *dádivas entre estranhos* que, longe de ser um resíduo dos sistemas de dádivas “primitivos”, é uma característica essencialmente moderna que coloca a dádiva em relação com instituições mercantis e estatais.

O importante, porém, é que essas doações unilaterais e voluntárias só puderam existir na medida em que se colocou em circulação a *dádiva entre amigas*. Ao final, as relações instauradas na solidariedade tornaram-se muito mais importantes do que aquilo que as originou, motivando a emergência de Vânia enquanto blogueira numa rede renovada e revitalizada pela experiência do *Chá*. Nesse sentido, o *Chá entre amigas* apresentou características de um evento *liminar*, desenvolvido no contexto de um *drama social*. A crítica dirigida à Vânia, acerca da sua opção pela *fiv* mesmo em situação financeira desfavorável, representou o não reconhecimento de uma norma de interação e de um valor moral da “comunidade LG”. Sem que houvesse tempo para o prolongamento da quebra e de uma crise, um mecanismo de compensação foi colocado em operação por Lila, que assumiu a liderança resgatando seu tempo de *Ligeiramente Grávida* e se colocando numa posição de membro “fundadora” de grupo. O *Chá entre amigas* deu forma e lugar a esse mecanismo de compensação, suspendendo o cotidiano das interações no *LG* para enfatizar a mobilização de uma rede de solidariedade.

Segundo Turner (1981, p. 152), assim se apresenta a fase *liminar* de um *drama social*: um momento em que o cotidiano do grupo é suspenso para que os atores sociais representem papéis distintos daqueles ocupados ordinariamente. Para o autor, trata-se de um momento essencialmente propício à irrupção de performances na medida em que os atores procuram demonstrar (aos outros) o que estão fazendo e o que fizeram por meio de uma linguagem dramática. A reflexividade, como um elemento inerente à performance, também emerge na medida em que o grupo se escrutina: mostra-se a si mesmo para, então, agir sobre si mesmo.

Na tentativa de compensar a ruptura resultante da extrema diferenciação no interior do *LG*, o *Chá entre amigas* significou um momento de divisão de interesses e lealdades. Ele convocou as “amigas” – e somente as “amigas”, aquelas dispostas a ajudar – a se unirem em favor de Vânia e seus trigêmeos. Desse modo, apesar das relações construídas durante a campanha terem se mostrado distintas em seus graus de intensidade e proximidade, o *Chá* operou na produção da sociabilidade como *interação entre iguais*; iguais na intenção de ajudar, apenas de ajudar. Tratou-se de um momento em que o “inteiramente pessoal” e o “inteiramente objetivo” esteve subjugado a um modo de relacionamento social entre *pessoas* em totalidade, onde cada um experimentou o ser do outro não só nas relações diádicas, mas também no nível do “estar-junto”, de um “nós essencial” transitório e liminar (SIMMEL, 1983; TURNER, 1974). Ao criar uma área de vida comum, constituindo-se como um lócus de criticismo, reflexão, expressão e reciprocidade imediata que resultou num rearranjo da estrutura das relações sociais, o *Chá entre amigas* propiciou uma experiência de *communitas*.

De acordo com Turner (1969), o principal a ser aprendido da fase liminar de um *drama social* está na emergência da *communitas*: um modelo de sociedade relativamente indiferenciada que se contrapõe ao sistema hierarquizado de posições sociais que compõe a *estrutura social*<sup>9</sup>. Tais conceitos estão na base da abordagem processual do autor, que concebe

<sup>9</sup> Deve-se considerar que o conceito de *estrutura social* empregado por Turner está associado ao conceito desenvolvido no âmbito da Antropologia Social britânica, ou seja, “como uma disposição mais ou menos

a vida social como um processo dialético que coloca indivíduos e grupos em sucessivas experiências de *communitas* e *estrutura*, ou seja, de homogeneização e diferenciação, de igualdade e desigualdade, de transições e status, de harmonias e desarmonias. Assim, a experiência da *communitas* está intimamente associada à dinâmica e à transformação social: é transitória, momentânea, e se dissolve obrigatoriamente na *estrutura* para onde indivíduos e grupos retornam revitalizados pela experiência performática e reflexiva da *communitas*. O *Chá entre amigas* apresentou esse caráter transitório e transformador da *communitas*, promovendo a vivência comunitária, resgatando experiências e valores compartilhados, transformando os vínculos e promovendo o restabelecimento de uma rede de relações sociais. As ações solidárias se mantêm como princípio, memória e potencialidade dessa rede, podendo ser reativadas a qualquer momento.

Finalmente, pode-se dizer que o *Chá* constituiu-se como um exemplo paradigmático de eventos constantemente engendrados nos blogs ou, melhor dizendo, nas “blogosferas”: a instalação de uma crise, a partir do não reconhecimento de uma norma, princípio ou código interativo que atua como cimento de núcleos mais ou menos delimitados de relações sociais, situados nas *densidades* das redes tecidas na prática do “blogging”. E o conflito emerge como elemento constitutivo desses eventos. Como vimos aqui, o *Chá entre amigas* surgiu como compensação de um conflito anunciado pelo não reconhecimento de um dos princípios fundadores da “comunidade”: a solidariedade por ela mesma, como uma ação gratuita e espontânea que não exige explicações nem retribuições. A vivência intensa desse princípio, possibilitada pela reunião da “comunidade”, evitou a instalação do conflito e promoveu o fortalecimento e a transformação dos vínculos sociais.

O conflito, potencialmente presente, emerge assim como experiência positiva, que tem conseqüências positivas na construção das subjetividades daqueles que a vivenciam e que opera na produção do social (RIFIOTIS, 1997; SIMMEL, 1983). Mais do que como um elemento meramente dissociativo, ele foi vivido, num e noutro blog, como uma *forma de socição* que ativou circuitos de reciprocidade e contribuiu na construção de personalidades individuais e coletivas. Afinal, se o universo dos blogs pode ser pensado como mais uma instância da vida social contemporânea, que coloca cada pessoa em contato com inúmeras outras todos os dias, pode-se dizer também, com base em Simmel (ibid., p. 128), que a interação nesse complexo de relações se baseia numa hierarquia e trânsito permanente entre simpatias, indiferenças e aversões que se sustentam em formas mais ou menos duradouras.

Assim, a análise desenvolvida aqui permite dizer que a vida social, concebida por Turner (1981) como um processo permanente entre a harmonia e a desarmonia, realiza-se também no universo dos blogs: envolvendo uma sucessão de *dramas sociais* e uma série de movimentos no tempo e no espaço, de mudanças de atividades e de transições de status para os atores envolvidos. Em outras palavras, não importa se no face a face ou no “ciberespaço”, a vida social pode ser concebida como um *processo* que envolve sucessivas experiências de consenso e dissenso, de conflito e sociabilidade. Desses *dramas sociais* que se realizam somente na e pela narratividade, emergem significados que retornam para o fluxo da vida, iluminando outras experiências, gerando novas expressões e provocando transformações significativas nas formas como os sujeitos se apresentam, pensam e agem sobre si mesmos e sobre suas relações. Os blogs se apresentam, portanto, como *maneiras de fazer* ou como *artes de dizer* (CERTEAU, 1994) pelas quais os indivíduos expressam, compreendem e partilham suas experiências vividas num mundo fragmentado e diferenciado em termos de papéis e domínios sociais. E ao performarem eles se ligam em rede e constroem contextos sociais, desempenhando papéis distintos e compartilhando um sentido de realidade comum. Os blogs encenam, enfim, um novo lugar do “fazer” cotidiano, onde são constantemente gerados

---

característica de instituições especializadas e mutuamente dependentes e a organização social de posição e atores que elas implicam” (TURNER, 1974, p. 201/202).

contextos, práticas, experiências, símbolos e significados que expandem e complexificam a cena social contemporânea.

### Referências Bibliográficas

- BARNES, J.A. “Redes sociais e processos políticos”. FELDMAN-BIANCO, Bela (org.). **Antropologia das Sociedades Contemporâneas – Métodos**. São Paulo: Global, 1987: 159-194.
- BAUMAN, Richard. **Verbal Art as Performance**. Massachusetts: Newbury, 1977.
- BRUNER, Edward. “Experience and its expressions”. TURNER, Victor e BRUNER, Edward. **The Anthropology of Experience**. Chicago: University of Illinois, 1986: 3-32.
- CARVALHO, Rose Meire. “Diário íntimos na era digital: diário público, mundos privados”. **Janelas do Ciberespaço: comunicação e cibercultura**. Porto Alegre: Sulina, 2001: 232-253.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.
- GODBOUT, Jacques. **O espírito da dádiva**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1999.
- LANNA, Marcos. “Nota sobre Marcel Mauss e o *Ensaio sobre a Dádiva*”. **Revista de Sociologia e Política**, n. 14, Curitiba, jun. 2000: 173-194.
- LANNA, Marcos. “Aspectos da vida ritual de São Bento”. **A dívida divina**. Troca a patronagem no nordeste brasileiro. Campinas: Editora da UNICAMP, 1995: 171-224.
- LEMOS, André. “A arte da vida: diários pessoais e webcams na Internet”. **Cultura da Rede – Revista Comunicação e Linguagem**, Lisboa, 2002. Disponível em: <http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/andrelemos/arte%20da%20vida.htm>. Acessado em: 24/11/2006.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. **As estruturas elementares do parentesco**. Petrópolis: Vozes, 1982.
- MAUSS, Marcel. “Ensaio sobre a dádiva: forma e razão de troca nas sociedades arcaicas”. MAUSS, M. **Sociologia e Antropologia**. Vol. II, São Paulo: EDUSP, 1974a: 37-184.
- MÁXIMO, Maria Elisa. **Blogs: o eu encena, o eu em rede**. Cotidiano, performance e reciprocidade nas redes sócio-técnicas. 2006. 283pgs. Doutorado em Antropologia Social. UFSC, Florianópolis.
- RIFIOTIS, Theophilos. “Nos campos da violência: diferença e positividade”. **Antropologia em primeira mão**, n. 19, PPGAS/UFSC, Florianópolis, 1997.
- SCHITTINE, Denise. **Blog: comunicação e escrita íntima na internet**. São Paulo: Record, 2004.
- SIMMEL, Georg. “A metrópole e a vida mental”. VELHO, Otávio. **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro: Zahar, 1967: 13-28.
- SIMMEL, George. “Sociabilidade: um exemplo de sociologia pura e formal”. MORAES FILHO, Evaristo de. **Simmel: sociologia**. São Paulo: Ática, 1983: 165-181.
- TURNER, Victor. “A ‘Communitas’. Modelo e Processo”. TURNER, V. **O Processo Ritual**. Petrópolis: Vozes, 1974: 160-200.
- TURNER, Victor. “Social dramas and stories about them”. MITCHELL, W. J. T. **On Narrative**. Chicago: University Chicago Press, 1981: 137-164.
- VELHO, Gilberto. **Individualismo e Cultura**. Notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1987.
- VELHO, **Projeto e Metamorfose**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.